

Memoria y utopía en Mexico. Imaginários en la génesis del neozapatismo

FERNANDO MATAMOROS PONCE

Buenos Aires: Herramienta, 2009. 384p.

FABIO MASCARO QUERIDO*

Em *A teoria do romance*, Georg Lukács apresentou o romance como o gênero literário expressivo de uma época – a modernidade – marcada pela cisão e pelo dilaceramento dos laços entre o indivíduo e a comunidade. Para Lukács, no mundo moderno, “não há mais uma totalidade espontânea do ser”. Não há mais um sentido imanente da vida, uma coincidência entre essência e vida empírica. Exatamente por isso, alguns dos movimentos e das lutas sociais modernas por uma genuína comunidade humana do futuro reconheceram na memória das comunidades do passado uma fonte de inspiração utópica inesgotável, cuja rememoração simbólica auxilia as lutas do presente contra a civilização capitalista. A memória do passado emerge, então, não como uma nostalgia regressiva – que almeja um retorno impossível –, senão como combustível utópico das lutas pela emancipação humana futura.

Nos tempos contemporâneos, o neozapatismo de Chiapas, no México, é o *movimento social* que melhor manifesta essa postura. É o que nos demonstra Fernando Matamoros Ponce (professor de sociologia da Universidade Autónoma de Puebla, no México), em seu interessantíssimo livro *Memória y utopia en México: imaginarios en la génesis del neozapatismo*, dedicado à análise do papel

* Mestrando em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista, Unesp – campus de Araraquara. Fapesp.

da memória e da utopia no imaginário social do EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional). Escrito em linguagem ensaística, carregada de momentos de verdadeira explosão literária, que empolgam o leitor, o objetivo do livro de Matamoros – originalmente concebido como uma tese de doutorado em Paris – é “colocar em evidência os elementos de construção do imaginário coletivo e mostrar como a tradição e o mito formam parte da continuidade de uma história da resistência na construção da nação, contra a conquista, a colonização e os impérios na mundialização capitalista” (p.90-1).

Não por acaso, a compreensão do neozapatismo é realizada a partir dos sistemas e significações simbólicos das lutas e das relações sociais, ignorados pela sociologia racionalista. Fernando Matamoros nos apresenta, assim, o neozapatismo como o resultado de uma confluência – sob a perspectiva comum da defesa da autonomia e das tradições indígenas – de diferentes formas e imaginários da luta social: desde setores do marxismo revolucionário (guerrilheiros ou não), passando pela tradição libertária, até o cristianismo de libertação, cujas *afinidades eletivas* residem na *fé* e na *aposta* – como diria Lucien Goldmann – em valores trans-individuais. Retomando seletivamente algumas temáticas dessas tradições, a originalidade do neozapatismo encontra-se na capacidade de mobilizá-las para os embates contra a atual fase do “progresso” e da modernização no México.

E aqui, pode-se perceber a perspicácia da análise de Matamoros, especialmente na articulação dialética entre as transformações contemporâneas do capitalismo e as modificações da luta social antissistêmica. Desde finais de década de 1980, o México – especialmente as regiões mais pobres, dentre elas Chiapas – sentiu os efeitos sociais devastadores das reformas neoliberais, intensificadas sob o governo de Carlos Salinas, entre 1988 e 1994, comprovando uma vez mais o caráter absolutamente perverso e desigual da tão reivindicada – inclusive por setores da esquerda – modernização. Conforme observa o autor, é nesse processo de resistência aos resultados produzidos pela nova etapa (neoliberal) da modernização capitalista que o neozapatismo floresceu, questionando, porém, não somente a expressão contemporânea do capitalismo, mas também toda a narrativa filosófica do progresso.

“Atualizando” as lutas e resistências do passado ao progresso capitalista no México – como as lutas pela Independência, no início do século XIX, e a revolução mexicana de 1910 –, o neozapatismo é um movimento herdeiro de cinco séculos de resistência indígena e popular contra a dominação colonial e imperialista, como afirma Michael Löwy, um dos responsáveis – junto com John Holloway – pelos prólogos do livro. Com a rememoração dessas lutas e comunidades indígenas do passado, os neozapatistas buscam “arrancar a tradição do conformismo que dela busca se apoderar”, como diria Walter Benjamin, resgatando a “tradição dos oprimidos” e os “mitos revolucionários” (sintetizados na *máscara coletiva* do subcomandante Marcos) do passado, e colocando-os a serviço da resistência social no presente. É por isso que, em face do discurso hegemônico, que reafir-

ma a destruição das comunidades indígenas como um subproduto necessário do progresso, os neozapatistas destacam a importância da palavra – das “guerrilhas de papel” –, como uma dimensão fundamental da resistência discursiva contra a “musificação” das tradições indígenas, como se vê no grande número de “comunicados” e publicações do movimento.

A ênfase na dimensão simbólica da luta de classes, ressaltando a importância das concepções religiosas na construção da realidade social, possibilitou também ao autor mexicano afirmar a necessidade de um enfoque dialético da religião e, no caso, dos setores que compõem a Igreja. Como já havia assinalado Marx em seu célebre texto de juventude sobre a filosofia do direito de Hegel, de 1843-44, a religião não é só um “ópio do povo”, mas também uma expressão e um “protesto contra a miséria real”, e nesse sentido específico, uma forma importante de “consciência antecipatória”, segundo defendeu Ernst Bloch. A própria história do México, com a existência de padres que questionaram a evangelização dos índios (Bartolomé de las Casas) e que lutaram pela independência mexicana (Miguel Hidalgo), e, mais tarde, com a presença da teologia da libertação, nos comprova as potencialidades críticas e até anticapitalistas de alguns setores religiosos, em especial católicos.

Eis aí, portanto, algumas boas razões para a importância do livro de Fernando Matamoros. Em um quadro histórico caracterizado pelo esgotamento histórico do progresso moderno, a retomada das lutas de resistência do passado à civilização capitalista assume novas dimensões. E um dos pontos mais fortes do livro é justamente a acuidade em situar o neozapatismo como uma forma de subjetividade revolucionária em um contexto que exige do pensamento e do movimento anticapitalistas novos métodos e concepções de luta social, assim como outra relação com as lutas de resistência do passado.

A perspectiva ética e política radicalmente *humanista* assumida pelo autor impulsionou uma análise teórica interdisciplinar, cujo eixo analítico não é o desenvolvimento das *forças* ou *estruturas* de produção, mas sim os conflitos e os impactos sociais e humanos do processo de modernização capitalista no México que, como em todos os países da periferia do sistema, caracterizou-se pela destruição violenta das comunidades tradicionais, tal como enfatizou Rosa Luxemburgo. Daí a possibilidade, realizada por Matamoros, de relacionar concretamente o neozapatismo ao legado das resistências indígenas a esse processo e, sobretudo, de extrair dessas lutas do passado a força contemporânea do movimento.

Resta ver as possibilidades reais do neozapatismo – em sua valorização da palavra, do diálogo com a sociedade civil e dos laços de solidariedade internacional – de impulsionar, ou tomar parte, na ruptura concreta, ou seja, na revolução social das formas e relações sociais capitalistas. Ou, ainda: a capacidade do movimento de Chiapas de ser um dos estimuladores, desde já, de um novo internacionalismo do século XXI, cujo horizonte último não é outro senão a luta pela superação, por meio da práxis revolucionária, da civilização capitalista em

todas as suas dimensões – tarefa bem mais árdua, embora não conflitante, que a formulação de uma resistência discursiva, na contramão do léxico hegemônico. Matamoros nos dá algumas pistas iniciais. O resto, só a práxis histórico-concreta dos homens poderá dizer.

QUERIDO, Fabio Mascaró. Resenha de: PONCE, Fernando Matamoros. Memoria y utopía en México. Imaginários en la génesis del neozapatismo. Buenos Aires, Herramienta, 2009, 384p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.31, 2010, p.167-170.

Palavras-chave: Zapatista; América Latina; Movimentos sociais.